
**O CONCÍLIO VATICANO II NA
AMAZÔNIA: ENTREVISTA
AO ARCEBISPO DE MANAUS,
DOM LEONARDO ULRICH STEINER***



Steiner é catarinense, primo do Cardeal Paulo Evaristo Arns e da fundadora da Pastoral da Criança, Dra. Zilda Arns. Religioso, pertencente à Ordem dos Frades Menores (OFM), é teólogo, pedagogo e doutor em filosofia pelo Pontifício Ateneu Antoniano, de Roma, onde também atuou como secretário-geral. Em 2005, foi eleito bispo prelado para São Félix do Araguaia – MT. Em 2011, foi escolhido secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e transferido para Brasília na condição de bispo auxiliar. Em 2019, depois de concluir dois mandatos no serviço que prestou à CNBB, foi eleito arcebispo para Manaus (AM). Atualmente, entre outras funções, Dom Leonardo preside a Comissão Episcopal para a Amazônia da CNBB e é vice-presidente da recém-criada Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama). Conforme anúncio papal, Steiner será criado Cardeal em 27 de agosto de 2022.

A entrevista que segue foi proposta no contexto do *IV Encontro da Igreja Católica da Amazônia Legal Brasileira* que aconteceu em Santarém – PA, em junho de 2022. O encontro comemorou e atualizou os compromissos assumidos pelos bispos em vistas da evangelização na Amazônia, em 1972, logo após a conclusão do Concílio Vaticano II e da II Conferência geral do Episcopa-

* Recebido em: 08.07.2022. Aceito em 21.07.2022.

** Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Discente colaborador da Revista Caminhos. *E-mail*: carvalho_danyel@hotmail.com

*** Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. Editor-chefe da Revista Caminhos. *E-mail*: jreinaldomartins@gmail.com

do Latino-americano e Caribenho realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968. O conhecido *Documento de Santarém* (1972) pode ser considerado uma das matrizes do magistério amazônico, atualmente, endossado pelo *Documento Final do Sínodo para a Amazônia*, realizado em Roma (2019), e pela Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia* (2020), do Papa Francisco.

Em 2015, poucos meses depois da publicação da Encíclica *Laudato Si'*, de cunho marcadamente ecológico, Dom Leonardo participou, como representante do Vaticano, da 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP21), na qual foi aprovado o mais robusto acordo climático da história mundial. O comprometimento pastoral do franciscano com as causas ecológicas e dos povos originários da Amazônia tem sido motivo para que o alcunhem como “o Cardeal da Amazônia”. É a partir do chão eclesial amazônico, mas com olhar alargado ao mundo, que Dom Leonardo nos fala sobre como percebe a atualidade do Concílio Vaticano II.

Daniel Carvalho Silva e José Reinaldo F. Martins Filho*** (doravante, Entrevistadores)** – Em sua opinião, quais foram as grandes conquistas alcançadas pelo Concílio Vaticano II?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – O Concílio Ecumênico Vaticano II retomou o horizonte do Reino de Deus, do Povo de Deus. O Povo que está a caminho. Todo Povo participa do Reino de Deus. Uma Igreja que busca ser o Reino de Deus. Esse horizonte despertou a participação dos leigos, leigas, vida religiosa, diáconos, presbíteros e bispos para a evangelização. Uma igreja que busca a participação de todos os seus membros, como testemunhas do Crucificado-ressuscitado. A Sagrada Escritura a partir do Concílio é acessível a todos. A possibilidade de a Palavra estar audível nos encontros, nas celebrações, nas famílias. É tão significativo que a Palavra esteja nas mãos do Povo de Deus e possa ser anunciada por todos. Os pobres receberam da Igreja um cuidado desde os primórdios. Com o Concílio, os pobres possibilitaram uma reflexão teológica a partir de Deus que se fez pobre por nós. O Vaticano II possibilitou uma participação maior dos leigos e leigas na vida da Igreja. É admirável: eles são sal da terra e luz do mundo na busca de viver o Evangelho. E hoje buscamos ser comunidades eclesiais missionárias.

Sem falar da dimensão sacramental-litúrgica que fez as Comunidades ativas e celebrantes. O ecumenismo, com o Concílio, recebeu um impulso extraordinário. Quem viveu a passagem do Concílio sentiu a transformação, a conversão, que continua hoje com Papa Francisco.

Entrevistadores – Quais as principais frentes de esforços da Igreja após o Concílio Vaticano II na América Latina?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – Na América Latina a Igreja, através das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e do Caribe, buscou luzes para que o Concílio fosse o caminho de vida nova: renovação, conversão. É inegável que a Igreja na América latina ofereceu luzes para que o Evangelho fosse vivido com mais profundidade por todos. A reflexão teológica ajudou na transformação: ser uma Igreja-comunidade e levar em consideração toda a realidade onde a comunidade eclesial vive. Ela despertou a Igreja para opção preferencial pelos pobres, para uma evangelização encarnada e libertadora. O *Documento de Santarém* (1972) e o *Documento de Iquitos* (1971) demonstram bem essa busca, esse caminhar. Houve e continua havendo a dinamização pela formação das leigas e leigos. A Vida religiosa tomou o caminho do despojamento, da presença nas comunidades. Se perpassarmos as Diretrizes para a Evangelização que a CNBB ofereceu nessas décadas, veremos o esforço feito para que o Espírito do Concílio estivesse sempre mais presente na Igreja no Brasil.

Entrevistadores – Quais limites a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II ainda encontra, passados 60 anos?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – Temos irmãos e irmãs na Igreja que têm dificuldade de aceitar o horizonte apresentado pelo Concílio. O movimento iniciado com o Concílio é de despojamento, de simplicidade, caminho de santidade. Ele indicou a cotidianidade das pessoas como lugar de transformação. Existe uma dificuldade de perceber que o Evangelho pede conversão das estruturas que geram pobreza, injustiça, descarte. Existe dificuldade de ser aceito o que vai além do sacramento, da liturgia. A sinodalidade exigirá de todos conversão, liberdade, abertura ao Espírito Santo. *Querida Amazônia*, indica um caminho hermenêutico a ser seguido: o Evangelho possibilita a leitura da totalidade. A santidade se faz caminhando!

Entrevistadores – Quais os desafios do presente para a Igreja na América Latina?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – Cada época tem desafios. O desafio de uma Igreja pobre para os pobres continua, talvez, o maior. Perceber que a vida do Evangelho deve ser anunciada como esperança aos pobres. Nesse sentido, permanecer lucidamente no caminho apontado pelas Conferências Gerais do Episcopado latino-americano e caribenho: por a mão no arado e não olhar para trás (Lc 9,62). Existe uma tentação de volta a certas estruturas que aparentemente dão segurança, mas são por demais ideológicas. A fé não é ideologia. É um toque sagrado recebido gratuitamente; um despertar que nos provoca a pormo-nos a caminho como e com Jesus. O caminho de Abraão, o pai na fé, é extraordinariamente lúcio e livre: seguir o chamado sem saber de antemão a Terra da Promessa. A superação da violência exige da Igreja um esforço e um caminhar na esperança. A sinodalidade, já presente nas Assembleias diocesanas e nos Conselhos de Pastoral, pede um empenho ainda maior para que todos, leigos e leigas, vida consagrada, diáconos, presbíteros e bispos, se sintam participantes e responsáveis na Igreja, pelo anúncio do Reino de Deus. A alegria de anunciar, de sair!

Entrevistadores – A seu ver, quais seriam os grandes temas do Concílio Vaticano II se ele acontecesse hoje?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – Papa Francisco nos oferece horizontes preciosos que nos ajudam a ser uma Igreja que toma em consideração a missão deixada por Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda a criatura!” (Mc 16,15). Uma Igreja misericordiosa; a misericórdia como fundamento do ser Igreja que vive para servir e cuidar. A *Laudato Si'* que despertou toda a Igreja para a Casa Comum. A Igreja no Brasil buscava trazer para a discussão e reflexão o meio ambiente. As Campanhas da fraternidade demonstram essa busca. A *Fratelli Tutti* veio acordar para caminhos da fraternidade universal. Aquela necessidade de uma fraternidade entre povos e nações, onde ninguém é excluído. A sinodalidade eclesial que abre a Igreja para o futuro. Esses textos iluminam a nossa realidade de hoje, como Igreja e como sociedade. Nos oferecem luzes e alimentam a esperança. Certamente seriam incluídas essas temáticas nas discussões e reflexões.

Entrevistadores – De que modo os últimos pontificados contribuíram com o legado do Concílio Vaticano II?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – São Paulo VI foi o Papa do Concílio. Com ânimo e coragem levou o Concílio a efeito. Devemos a Ele a renovação da Igreja a partir do Concílio. 60 anos depois, a Igreja é grata pelo serviço que Paulo VI prestou a ela com o Concílio. Mencionar o texto *Evangelii Nuntiandi* demonstra como Ele se empenhou a fazer da Igreja uma presença viva e transformativa no mundo. São João Paulo II o missionário, o peregrino, possibilitou a afirmação do Concílio como modo de ser Igreja. Bento XVI ajudou no diálogo com os grupos que não aceitavam o Concílio e reafirmou a missão da Igreja: evangelização. Papa Francisco tem ajudado a Igreja dar passos para assumir os ensinamentos do Concílio colocando a misericórdia como fundamento e ser presença transformadora, um anúncio com disposição e alegria. Uma Igreja em movimento, buscando entender a história e apresentar o Evangelho com lucidez e humildade. Ele está a oferecer uma hermenêutica da totalidade em *Querida Amazônia*.

Entrevistadores – Em que medida a atual reflexão sobre a sinodalidade da Igreja é decorrente da abertura possibilitada pelo Concílio Vaticano II?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – São Paulo VI ao convocar o Sínodo desejou dar continuidade ao movimento do Espírito que o Concílio havia suscitado na Igreja. Num livro com o título “Paulo VI, o Papa Esquecido”, o autor afirma que a intuição era de ser uma continuidade do Concílio, como decisões para a Igreja. Um verdadeiro espírito sinodal! O Sínodo, sempre mais, vai encontrando um modo de participação das vocações e ministérios na Igreja. É aquele modo da Igreja dos Atos. A sinodalidade é fruto do Concílio.

Entrevistadores – De que modo o tratamento dado nos últimos anos à ecologia e às questões socioambientais podem ser tomados como um legado do CVII?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – A *Gaudium et Spes* abriu a reflexão e atuação da Igreja a tantas realidades que ficamos admirados do sentido pastoral do

texto conciliar. Ele fez a Igreja, o Povo de Deus, redescobrir que o Reino de Deus é transformativo e, por isso, leva em consideração toda a realidade onde cada comunidade se encontra. A sensibilidade crescente para com os povos originários se deve à abertura para a inculturação da fé. Uma fé que é por atração e não imposição. Como dito, abriu o caminho para uma hermenêutica da totalidade.

Entrevistadores – Desde o seu ponto de vista, quais contribuições a família franciscana pode dar (deu / está dando) ao processo conciliar?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – O carisma concedido à Igreja através de Francisco de Assis é o da minoridade, do serviço. No Brasil os Frades deram uma grande contribuição através da reflexão teológica e das publicações pela Editora Vozes. O Espírito da minoridade, da pobreza, da misericórdia é essencial para a transformação da realidade que vivemos hoje. A vida dos Menores pode oferecer à Igreja luz para o viver sinodal, pois é um modo de viver na liberdade, no diálogo, no serviço. O carisma não pertence à família franciscana. É a família franciscana que pertence ao carisma. Dela vem a força, a graça, a gratuidade de viver segundo o Evangelho. O Concílio indicou o caminho da fonte. Os menores e as menores poderiam deixar-se atrair pela Fonte da gratuidade do Crucificado-ressuscitado que transformou a vida de Francisco de Assis. O dom entregue a Francisco é o da gratuidade! Evangelizar na gratuidade a totalidade do viver como nos aponta Papa Francisco.

Entrevistadores – A qualidade acadêmica dos institutos de Teologia é fundamental para a formação de um clero sensível às grandes questões da sociedade. O que o senhor espera das universidades católicas e dos institutos de Teologia? O senhor percebe sinais de adesão da parte deles ao processo conciliar animado pelo Papa Francisco?

Dom Leonardo Ulrich Steiner – A reflexão teológica faz parte do ser Igreja. Ela abre horizontes, anima a vida das comunidades. Os leigos e leigas buscam a reflexão teológica para melhor dar razão de sua fé, para usar uma expressão do Apóstolo. Para o clero a reflexão teológica é decisiva para ir percebendo as ações de Deus, o mistério da salvação, nas comunidades. Mas tam-

bém, perceber no meio de tanta violência, injustiça que o Reino de Deus vai crescendo. Onde pensamos Deus estar ausente, está presente. No mundo técnico-científico Ele está presente! Intuir como no sofrimento dos pobres vai acontecendo salvação que pendeu da cruz! Isto é, pensar teologicamente! Nas nossas universidades sermos escutadores dos anseios, dores, angústias e esperanças! Apresentar a vida do Reino como possibilidade de realização e maturação existencial. A fé que faz caminhar no deserto e encontra vida enquanto faz vereda. Papa Francisco sempre aponta para os fundamentos, para as razões do crer. É cheio de esperança, evitando moralismos. Deseja encontro com o Crucificado-ressuscitado: discípulos missionários. É um caminho, processo de conversão. Como se diz: uma Igreja em movimento, em conversão. Permanecer abertos para a realidade da Casa Comum, pois em Francisco de Assis existe uma relação de fraternidade com toda a obra criada.